

## Resenha

BADIOU, A. 2004. *San Pablo: La fundación del universalismo*. Barcelona, Ed. Anthropos, 144 p.

Alguns leitores estranharão que um livro com o título *San Pablo: La fundación del universalismo* seja resenhado numa importante revista especializada de filosofia. A outros lhes estranhará ainda mais ver que o autor do livro é Alain Badiou, professor de filosofia política na universidade Paris VIII, de tradição marxista e que se confessa ateu, quase que militante.

Qual é o interesse filosófico de Alain Badiou pela pessoa e pensamento de São Paulo? Esta questão seria fácil de responder e compreender se a obra de A. Badiou tivesse como objetivo desconstruir o pensamento de Paulo fazendo contra ele todo tipo de críticas contundentes. Já antes grandes filósofos dedicaram longas reflexões contra o cristianismo e contra Paulo; Nietzsche é talvez o exemplo mais claro. Porém a terceira surpresa do leitor surge precisamente aqui, pois o estudo de A. Badiou não tem por objetivo criticar ou desconstruir o pensamento de Paulo, mas, pelo contrário, percebe em Paulo uma dimensão nova (não filosófica) que para ele (enquanto filósofo) é particularmente importante: a questão do universalismo.

Badiou dedica a introdução do livro a justificar-se e deixar bem esclarecido que não é cristão, que não acredita no discurso religioso de Paulo e que a experiência de fé cristã lhe parece essencialmente mítica. Feito esse esclarecimento pessoal, ele se sente mais livre para se aproximar com intimidade e admiração à pessoa de Paulo e ao seu pensamento disperso pelas diversas epístolas escritas às primeiras comunidades cristãs.

Badiou situa Paulo historicamente indicando que seus escritos são na verdade os primeiros escritos cristãos que nós temos, e que vão do ano 50 a 58 d.C., enquanto o primeiro evangelho, que seria Marcos, seria posterior ao ano 70<sup>1</sup>. Em qualquer caso, é verdade que as cartas de Paulo foram os primeiros escritos a serem lidos e divulgados amplamente entre as comunidades cristãs. Estas epístolas tiveram uma enorme influência no desenvolvimento da teologia cristã posterior e, como consequência direta, influenciaram também muitas das categorias políticas que modelaram as sociedades ocidentais.

Badiou analisa biograficamente a figura de Paulo destacando que ele, à diferença dos outros apóstolos, não conheceu Jesus e não teve qualquer contato com sua mensagem antes do acontecimento de Damasco. Este acontecimento é o núcleo central da reviravolta na vida de Paulo e o fundamento de todo seu discurso e práticas posteriores. Paulo era judeu do grupo dos fariseus e defensor fervoroso do cumprimento tradicionalista da lei de Moisés. Curiosamente tinha a cidadania romana, embora não se saiba historicamente como conseguiu sua cidadania; é provável que a tenha comprado por um altíssimo preço. Sabe-se que era comerciante,

---

<sup>1</sup> Neste ponto a crítica literária dos exegetas mais reconhecidos não estaria muito conforme com a afirmação de Badiou, porém este é um dado secundário.

com alto nível cultural, que nasceu e viveu fora de Israel; por isso, tinha um vasto conhecimento da cultura grega. Era o que podemos denominar um cosmopolita, culto e até certo ponto rico. Um judeu tradicionalista e estrito observante da lei. Estas características biográficas tornam mais inexplicável a mudança de vida, pensamento e prática do Paulo cristão. Como pôde Paulo tornar-se cristão? Esta é uma questão surpreendente à qual o próprio Paulo responde narrando sua experiência do *acontecimento* que teve a caminho de Damasco.

As autoridades judias decretaram a prisão dos seguidores da seita de Jesus, o Nazareno. Era um pequeno grupo heterodoxo em relação ao judaísmo oficial, estava em Jerusalém e representava uma ameaça religiosa, social e até política para a integridade do judaísmo como doutrina e de Israel como nação submetida a Roma de forma amistosa. Paulo, com seu perfil biográfico, foi enviado com toda a autoridade para prender todos os seguidores do Nazareno e trazê-los presos. Foi precisamente no caminho de Damasco que Paulo teve uma experiência única na qual Jesus ressuscitado se lhe apareceu de surpresa e transformou sua vida e missão de perseguidor em apóstolo. Este acontecimento que transformou radicalmente a vida de Paulo e deu origem à sua conversão de perseguidor em seguidor de Jesus será também, para A. Badiou, o elemento central de sua reflexão filosófica. A filosofia política de Badiou valoriza o acontecimento como evento vertebrador do ser e do fazer (Badiou, 1998).

Foi a experiência do acontecimento da ressurreição que fez de Paulo uma pessoa diferente para si mesmo e para o mundo. Foi a experiência de um acontecimento tão singular (revolucionário no sentido pleno do termo) que impulsionou Paulo a perceber a realidade a partir de uma nova perspectiva, a universalidade. O universalismo de Paulo não tem seu fundamento na filosofia dos gregos nem na lei dos judeus, mas na experiência do acontecimento da ressurreição. Foi a experiência do acontecimento que o impulsionou a construir um discurso novo distante e contraditório com os discursos existentes até aquele momento: o da filosofia grega e o da lei judaica.

## O discurso do acontecimento

Badiou indica a existência de dois tipos principais de discursos hegemônicos. Há um discurso grego fundamentado na filosofia, na *physis* e na *gnoses*, que estabelece mediante a razão o ser da natureza e a essência das coisas. A realidade se encontra definida pelo *logos*, e a razão se torna o meio do conhecimento da verdade da natureza.

Há um segundo discurso, o judeu, fundamentado no signo e no milagre. O signo e o milagre refletem uma ordem definida por Deus à qual nos submetemos como parte dos planos do Pai. Esse discurso tem seu correspondente na lei. A lei prescreve os comportamentos através de mandamentos que definem o que deve ser feito e como deve ser feito para que as pessoas se mantenham fiéis aos desígnios de Deus.

Paulo propõe um terceiro discurso, o discurso do acontecimento. Ao proclamar que Cristo ressuscitou e que a ressurreição é a dimensão fundante de seu novo ser cristão, Paulo cria um novo discurso alternativo aos dois anteriores. Neste novo discurso predomina o acontecimento como a forma de fazer a história. Esse acontecimento não se explica nem pela sabedoria dos gregos nem pela lei dos judeus; ele se impõe por si mesmo. É um acontecimento fundante de uma nova realidade que não depende de outras anteriores nem corresponde a elas.

Nenhuma verdade pode dar uma explicação última do acontecimento, e este não pode ser classificado pela lei num tipo de ordem estabelecido. O acontecimento subverte a lógica da razão e a ordem da lei. O acontecimento traz inovação à história, é ele que cria a história. A imprevisibilidade legal do acontecimento e a incompreensão racional do mesmo, longe de desacreditá-lo como falso ou inexistente, confirmam-no como uma realidade nova, superior à razão e à lei. Só o aconteci-

mento pode produzir história, porque só ele traz novidade para os sujeitos. O acontecimento inaugura um novo discurso.

Além do discurso racional grego, do legal judeu e do discurso do acontecimento, Alain Badiou fala que em Paulo também há um quarto discurso, que seria o discurso místico. Um discurso no qual Paulo menciona as experiências místicas que teve como prova da veracidade do acontecimento. De alguma forma, o quarto discurso é um discurso que reforça as qualidades pessoais e os méritos de Paulo; ele é um reforço argumentativo da validade do terceiro discurso, o do acontecimento da vivência do ressuscitado. O quarto discurso tenderia a legitimar Paulo como apóstolo, porque teve experiências místicas, ou seja, milagrosas, as quais seriam garantias da validade do acontecimento da ressurreição. Porém Paulo não quer argumentar com este discurso para tentar convencer da verdade do terceiro discurso, o do acontecimento. O quarto discurso, o místico, é um discurso de autolouvação cuja finalidade é tentar validar e legitimar a veracidade do terceiro discurso, o do acontecimento. Porém Paulo se nega a utilizar o quarto discurso como prova da veracidade do terceiro, ou seja, pretende que a experiência do acontecimento tenha um valor por si mesma. O acontecimento é uma experiência suficientemente consistente, enquanto experiência real e insondável, que se torna ofensivo para o próprio acontecimento (da ressurreição) invocar como provas as qualidades pessoais ou os méritos de Paulo. Por isso, nega-se a invocar o quarto discurso da autolouvação e apela para sua própria debilidade como prova da força e densidade do acontecimento que é superior à sua própria vontade.

Paulo se diferencia, neste ponto, de Pascal. Este, mesmo acreditando que a ressurreição de Cristo é um acontecimento fundante, pensa que é necessário argumentar racionalmente para fazê-lo crível aos modernos racionalistas; para isso, Pascal invoca os milagres e profecias de Jesus como provas que fazem crível sua ressurreição. Paulo desestima a possibilidade de utilizar o quarto discurso, o místico que ele mesmo viveu, como argumentação racional que faça crível o terceiro discurso. O acontecimento (da ressurreição) tem validade por si mesmo e assim deve ser aceito, como insustentável para os gregos (o *logos*, a razão) e escândalo para os judeus (a lei e a ordem).

O terceiro discurso se realiza na debilidade: “levamos este tesouro em vasilhas de barro”. Não é a razão dos sábios nem o poder da tradição que justifica o acontecimento (da ressurreição); ele se impõe por si mesmo como experiência pessoal subjetiva que transforma o ser do sujeito.

## O acontecimento e a constituição da subjetividade

Badiou analisa a constituição do sujeito segundo Paulo. Este pensa o sujeito a partir da tensão entre carne (*sárx*) e espírito (*pneúma*). Esta tensão está muito distante da versão do dualismo platônico corpo-alma, através do qual se reinterpretou ao longo dos séculos o sentido da subjetividade em Paulo. A tensão carne-espírito leva, segundo Paulo, a uma outra tensão, que é a de morte (*thánatos*) e vida (*zoé*), segundo lemos em Rm 8,6: “o pensamento da carne é morte, o pensamento do espírito é vida”.

A tensão entre carne e espírito não corresponde ao dualismo ontológico corpo-alma, mas reflete a tensão que o sujeito vive ao assumir para si mesmo a convicção de que uma máxima ou crença possa ser um princípio de vida ou de morte. Então, compreender algo segundo a carne significa, para Paulo, que o sujeito assume convicções erradas que levam para a morte. E optar por algo segundo o espírito equivale a manter princípios de verdade que conduzem à vida.

Para os gregos, o conhecimento e a verdade são objetivos. O conhecimento se mede pela equivalência da verdade com o objeto. O objeto e a natureza definem a verdade objetiva das coisas. Para Paulo, a verdade é fundada pelo acontecimento da crença, que não é verificável e, por conseguinte, não tem uma equivalência objetiva que possa ser comprovada. Daí que a força da verdade esteja na debilidade do sujeito. O sujeito cristão não sustenta sua verdade na objetividade da natureza,

mas na debilidade de quem renuncia aos critérios objetivos da verdade filosófica e aceita que seu discurso não será aceito pela sabedoria humana, pela filosofia. A filosofia não pode aceitar o discurso do ressuscitado, porque o acontecimento não tem provas racionais ou empíricas; o acontecimento se funda por si mesmo; por isso, o sujeito é impotente para demonstrá-lo argumentativamente. A ressurreição está além da lei e da razão; por isso, para os judeus é um escândalo e, para os gregos, um absurdo.

A grandeza do acontecimento da ressurreição, enquanto acontecimento fundante, supera a própria capacidade humana de verdade e mostra a debilidade da subjetividade humana para demonstrá-lo ou sequer compreendê-lo em plenitude. Por isso, a debilidade se tornará a prova maior da aceitação da verdade do acontecimento da ressurreição. A debilidade humana será o paradoxo através do qual o cristão mostrará a fortaleza da sua convicção, "pois quando me sinto débil, então é que sou forte", dirá Paulo.

A subjetividade do cristão, segundo Paulo, é profundamente paradoxal. Tem como referência a sua debilidade para obter fortaleza, mas também ele mesmo diz que se tornou lixo do mundo para mostrar, através de sua debilidade, a fortaleza de Cristo. "Convertemo-nos em lixo do mundo, como dejetos de todos até agora" (1Cor 4,13).

Paulo não pretende aparecer como sábio ou entendido; pelo contrário, a loucura da cruz constitui a maior evidência da certeza que sustenta sua experiência.

Para Paulo, ao considerar que a verdadeira realidade é o puro acontecimento (da ressurreição), os discursos grego e judeu sobre a verdade e a realidade deixam de ter sentido. A perda de sentido desses discursos anula a lógica das distinções e diferenças que subdividiam as sociedades e as pessoas. As divisões entre gregos e bárbaros, livres e escravos, homens e mulheres, que eram o paradigma das relações sociais e políticas do império e do judaísmo, deixam de ser significativas para Paulo. Com a desconstrução das velhas categorias e seus discursos estamentais, nasce o universalismo.

## A construção do universalismo

A experiência do acontecimento novo (a ressurreição) funda um novo sujeito, uma nova subjetividade que não está modelada pelos velhos discursos da razão grega nem da lei judaica. Os sujeitos étnicos definidos pelo judaísmo e pela cultura grega a partir de suas características sociais deixam de ter sentido para a subjetividade cristã.

Ao declarar a indiferença subjetiva entre gregos e judeus, homens e mulheres, livres ou escravos, circuncisos e incircuncisos, Paulo cria uma compreensão universalista do sujeito. O sujeito universal não é um sujeito pleno ou indivisível, como era o antigo sujeito, mas é um sujeito submetido à tensão de ter que definir-se a si mesmo pela opção de vida que deve tomar. É um sujeito desafiado pelo acontecimento, que tem que decidir entre o modo de vida segundo a carne ou segundo o espírito. São as opções de vida que constituem a subjetividade, ou seja, o ser do sujeito. O sujeito constituído pelo acontecimento vive a tensão existencial de autoconstituir sua subjetividade pelas decisões entre o modo de vida segundo a carne ou segundo o espírito.

Badiou equipara Paulo, com certas diferenças, aos antifilósofos contemporâneos que também apontaram para o acontecimento real como o momento criativo das verdades efetivas: "a grande política" para Nietzsche, o ato analítico arqui-científico para Lacan, a estética mística para Wittgenstein. A posição de Paulo quanto à crítica da filosofia é mais radical que a dos modernos. Paulo não nega a filosofia ou a razão, mas a declara impotente para compreender o mistério do acontecimento da ressurreição. Os filósofos de Atenas zombaram de Paulo no Areópago no momento em que este começou a falar-lhes da ressurreição, como Nietzsche e outros o fizeram contemporaneamente. Este e outros episódi-

os vão convencendo Paulo de que “o que em Deus parece loucura é mais sábio que os homens; e o que em Deus parece debilidade é mais forte que os homens” (1Cor 1,25).

Para Paulo, há um primado da loucura sobre a sabedoria e da debilidade sobre a fortaleza quando se trata de confrontar-se com o acontecimento fundante da subjetividade, a ressurreição. Frente à experiência do acontecimento, a filosofia é impotente. Por isso, Paulo, frente à sabedoria grega e à lei judaica, está propondo um novo discurso, o discurso do acontecimento. Frente às velhas subjetividades seccionadas pela classificação social, propõe o universalismo. Frente ao sujeito definido pela ontologia ou pela lei, propõe um sujeito incompleto que se constitui a si mesmo pela opção entre a carne e o espírito.

O acontecimento que institui a subjetividade cristã está em relação ao fato de que Cristo é o filho. A filiação de Cristo diferencia qualitativamente a relação e o sentido da subjetividade dos que nele crêem. A filosofia só conhece os discípulos, e a lei só aceita os fiéis, porém o sujeito-filho é o contrário do sujeito-discípulo e do sujeito-fiel. A filiação é uma participação comum de todos na mesma realidade de Cristo. Todos são iguais, porque todos são filhos no filho, não mestre e discípulo, sacerdote e fiel. A condição filial de Cristo está aberta à participação de todos sem distinção. A filiação comum de todos em Cristo, estabelece uma dimensão de universalidade que supera toda e qualquer diferença social, ética, cultural, de gênero, estamental, etc. O acontecimento da filiação institui a universalidade. A expressão mais genuína da participação comum neste universalismo se encontra na expressão “todos somos co-participantes de Deus (*theou synergoi*)” (1Cor 3,9).

## O amor como força universal

Há uma dimensão universal da subjetivação que a fé do sujeito não constrói por si mesma; Paulo a chama de “amor” (*agápe*). Lusivamente por si mesma, produz o quarto discurso, ou seja, o da autolouvação mística, porém não corresponde ao discurso cristão, que é o discurso universal. Por ser universal, é graça, ou seja, experiência gratuita do acontecimento que não se recebe pelos méritos pessoais, o que seria um particularismo, mas se oferece de forma gratuita, universal.

Pois bem, a verdadeira subjetivação expõe como evidência material da mesma a declaração pública do acontecimento, neste caso a ressurreição. A verdade é vivida como compromisso militante. Paulo faz do seu testemunho a forma militante através da qual declara publicamente a verdade e a veracidade do acontecimento.

Badiou interpreta a esperança proposta por Paulo em relação à justiça. Uma justiça que é justificação, mas não uma justificação para obter recompensa ou castigo, e sim uma justiça que se realiza no presente. A esperança de Paulo não seria uma esperança futura, mas uma realização do presente. A esperança não é esperança de uma vitória objetiva futura, mas, pelo contrário, é a vitória objetiva que produz a esperança. Por isso, a dimensão subjetiva que tem por nome “esperança” é a prova superada, e não aquilo em cujo nome se superou. A esperança do presente está em relação com a universalidade, porque toda vitória conseguida, por mais local que seja, é universal.

O universalismo construído por Paulo o situa além dos conflitos morais e legais com que constantemente o acossam. Inclusive as primeiras comunidades cristãs lhe perguntam freqüentemente se podem comer isto ou aquilo, sobre astrologia, vestidos, relações sexuais, etc., e Paulo responde com muita dificuldade as questões particularistas, porque sua perspectiva existencial é o universalismo da experiência do acontecimento. Badiou estranha que se tenha imputado a Paulo um moralismo sectário, quando na verdade ele resiste constantemente às pressões para definir a prevalência de um costume sobre outro, ou de uma prática sobre outra. Para ele, “todas as coisas são puras” (Rom 14,20), chegando a dizer que “tudo está permitido” (1Cor 10,23).

## Para concluir

Badiou conclui seu estudo propondo que afirmar que Paulo é o fundador do universalismo é, até certo ponto, uma afirmação um pouco excessiva, porque o universalismo já estava presente, de certa forma, no teorema de Arquimedes, nas tragédias de Sófocles, no amor do Cântico dos Cânticos ou no niilismo invertido do Eclesiastes. Contudo, o original de Paulo é que ele fundamentou (e fundou) um novo sentido do universalismo a partir da experiência de um acontecimento (a ressurreição). A experiência do acontecimento funda um novo sentido de subjetividade que supera todos os particularismos e projeta o sujeito numa visão universal de si mesmo e do outro. Paulo foi um dos primeiros a criar uma fratura teórica nos discursos particularistas que proliferavam em todas as culturas até então vigentes, entendendo por teórica a construção de uma teoria nova sobre o valor primeiro do universal.

Que Paulo tenha sido um criador do universalismo não significa que possamos vincular Paulo com a filosofia, pois Paulo é um antifilósofo, segundo Badiou. Para Paulo, o que constitui a universalidade do sujeito é o acontecimento e não a filosofia, nem a verdade ou o *logos*. A experiência do acontecimento destrói a força do sentido da verdade filosófica como verdade universal. Neste ponto, Badiou se identifica plenamente com Paulo, pois ele também nega que a filosofia possa criar verdades universais ou sequer possa ter a pretensão de propor qualquer forma de universalismo filosófico. Daí que Paulo seja, para Badiou, o antípoda em quem encontrou semelhanças não previstas. Badiou vive a preocupação (talvez a contradição não confessada) de ter que procurar algum meio para constituir o sentido do universal, já que ele, Badiou, não encontra na filosofia, nas verdades lógicas, na razão, nos valores, na ética ou na política algo que viabilize a possibilidade de pensar um universalismo. De modo paradoxal, percebe em Paulo, de cuja fé religiosa se sente profundamente distante, alguém que historicamente conseguiu significar e realizar o sentido do universalismo na cultura ocidental. Um universalismo que não se baseia nem no *logos* filosófico (grego) nem na dimensão jurídica da lei (judaica).

O universalismo inerente à experiência do acontecimento faz com que o singular de cada sujeito se torne universal. O universalismo é uma experiência subjetiva absoluta. Enquanto experiência absoluta do acontecimento, supera as pretensões de verdade falaciosas da argumentação do sujeito transcendental ou da essência objetiva do real. Esse acontecimento, sendo pura experiência subjetiva, traduz-se necessariamente em forma de amor militante. O amor se manifesta no testemunho público (político) da convicção universal do sujeito.

Badiou conclui sua obra com uma nova comparação entre Nietzsche e Paulo. Nietzsche adverte, no diálogo de Zaratustra, que os verdadeiros acontecimentos vêm sobre as patas de uma pomba, sem avisar. Badiou diz que até nisto Nietzsche não é original, mas tributário de Paulo, que já afirmou na Primeira Carta aos Tessalonicenses 5,2: "Sabeis muito bem que o Senhor virá como um ladrão no meio da noite."

## Referências

BADIOU, A. 1998. *L'être et l'événement*. Paris, Seuil.

Castor M. M. Bartolomé Ruiz  
Professor do PPG Filosofia Unisinos  
E-mail: castor@unisinos.br